

Vanessa Riambau Pinheiro

(ORGANIZADORA)

Letras na Poesia

versus universitários



Amanda Vital
Dija Darkdija
Felipe D'Castro
Jon Moreira
Pedro Isaac
Sara Carvalho

EU Editora
UFPB

LETRAS NA POESIA:
versus universitários



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitora	MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA MELO DINIZ
Vice-Reitor	EDUARDO RAMALHO RABENHORST
Diretora do CCHLA	MÔNICA NÓBREGA
Vice-Diretor do CCHLA	RODRIGO FREIRE DE CARVALHO E SILVA



EDITORA DA UFPB

Diretora	IZABEL FRANÇA DE LIMA
Supervisão de Editoração	ALMIR CORREIA DE VASCONCELLOS JÚNIOR
Supervisão de Produção	JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

Conselho Editorial

Bartolomeu Leite da Silva (Filosofia)
Carla Lynn Reichmann (Línguas Estrangeiras Modernas)
Carla Mary da Silva Oliveira (História)
Eliana Vasconcelos da Silva Esrael (Língua Portuguesa e Linguística)
Hermano de França Rodrigues (Literaturas de Língua Portuguesa)
Karina Chianca Venâncio (Línguas Estrangeiras Modernas)
Lúcia Fátima Fernandes Nobre (Línguas Estrangeiras Modernas)
Luziana Ramalho Ribeiro (Serviço Social)
Marcela Zamboni Lucena (Ciências Sociais)
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Sociais)
Teresa Cristina Furtado Matos (Ciências Sociais)
Willy Paredes Soares (Letras Clássicas)

Vanessa Rimbau Pinheiro
(ORGANIZADORA)

LETRAS NA POESIA:
versus universitários

ANTOLOGIA DE POEMAS DE ESTUDANTES DA UFPB

Amanda Vital
Dija Darkdija
Felipe D'Castro
Jon Moreira
Pedro Isaac
Sara Carvalho

Editora da UFPB
João Pessoa
2016

Direitos autorais 2016 – Editora da UFPB

Efetuada o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA DA UFPB

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

Projeto Gráfico	EDITORA DA UFPB
Editoração Eletrônica	ALICE BRITO
Design de Capa	SARA CARVALHO

Catálogo na fonte:

Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

L649 Letras na poesia: versus universitários – antologia de poemas de estudantes da UFPB / Vanessa Rimbau Pinheiro (organizadora). – João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

Recurso digital (1,1 MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader
ISBN 978-85-237-1179-5 (recurso eletrônico)

1. Poesia – Literatura brasileira. 2. Antologia
I. Pinheiro, Vanessa Rimbau.

CDU: 869.0(81)

EDITORA DA UFPB Cidade Universitária, Campus I – s/n
João Pessoa – PB
CEP 58.051-970
<http://www.editora.ufpb.br>
E-mail: editora@ufpb.edu.br
Fone: (83) 3216.7147

Editora filiada à:



SUMÁRIO

AMANDA VITAL	7
DIJA DARKDIJA	23
FELIPE D'CASTRO.....	40
JON MOREIRA.....	56
PEDRO ISAAC	73
SARA CARVALHO	96

Amanda de Castro Vital Maciel tem 20 anos e é natural de Ipatinga/MG. É uma mineira totalmente apaixonada pelo Nordeste. Mora atualmente em João Pessoa e é graduanda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Faz parte do grupo AEDOS de declamação de poesia. Escreve em versos livres e suas maiores inspirações literárias são Paulo Leminski, Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade.

será que estamos
na mesma página?

sinto minha vida
meio virada
nada numerada

mas foge de estar
em branco.

ah, vento,
vem tu
de mansinho

como quem
não quer nada

refresca
a pele da alma

aí se exalta
balança
da migalha do pão
até o alto mar

entra pela janela
sem nem convite
e bagunça

e me bagunça.

pra que sofrer
de amor guardado?

saudade quando aperta
é pra avisar a você
que está no lugar errado.

não julgue um livro
por sua capa,
orelhas ou amassados

livro bom mesmo
está sempre batizado.

tive um deslize
no maxilar

cansou de mastigar
e declarou
repouso permanente

antes fosse
só uma dor de dente.

resolva-me
porém
não conserte-me

sou toda defeitos.

o carro
pode morrer
no morro

mas eu não
eu nunca morro

só morro
se um dia
virar linha reta.

o lado de fora
é mamão com açúcar

o lado de dentro
é petit gateau

só sabe quem lá entrou.

sou de lua -
dependo do barulho
da minha rua

pernilongos
roubam o sangue
de veias poéticas

mas nunca rimam
com nossos ouvidos.

assim transita
minha vida -
pouco freio
muita buzina.

a distração
é uma agência
de viagens.

meu trevo
tem três folhas
meu olho grego
está míope
minha figa
tem mão aberta

toda sorte
desse mundo
nunca é certa.

estou de greve –
sou contra
a alegria breve.

olheiras são sinais
de quem
dormiu menos
e amou mais.

Dija Darkdija nasceu em 1993 em João Pessoa/PB. Graduando em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, escreve desde 2009 na internet. Participou de algumas antologias independentes. Faz parte do grupo AEDOS de declamação de poesia. Escreve o que lhe der na telha, geralmente em versos livres e suas maiores inspirações são Paulo Leminski e tudo mais que aparecer na sua frente.

gotas de chuva
sobre o vidro do caixão
o sol anuncia
um último vitral
no rosto de mainha.

eu não sou doido
sou o além-doido
surto a cada suspiro

me asfixio
se respiro louco

é surdo
o quê
é surdo
u q
é surdo
ok
é surdo

que surdo que nada
só não quero ex-cultar-te

Poetestamento

quando eu morrer
nada de pompa
façam um sarau
com meus poemas
pra ser de arromba
trocando a trompa
pelo bolero de ravel

quando morrer
eu quero mesmo
virar cordel

ai meu deus
essa dor no peito

e se eu morrer
meu laudo lá
asfixia por falta de ar-te

a menina que amava chuva
amava tanto a chuva
que arrumou a cumulus
de coisas pra se preocupar

cuidou de nimbus
de passarinho

só não gostava
do lodo da pedra
que tinha no tal caminho

se você vier
eu te recebo
se não vier
recebo sua ausência
e se ela não vier
que venha o nada
o chá está pronto
o resto é paciência

o espelho em que vou
me reflete
sem fim

meu eu que me repete
não faz parte de mim

depois do fundo do poço
quando secar a inspiração
vou pular lá dentro do fosso
pra tirar força do chão
e quando o chão acabar
e eu tiver flutuando no nada
todo poedia vai ser feito de silêncio
mas a poesia nunca vai ficar calada

o djabo da poesia
me atenta
todo dia

escreva
escreva
escreva

e eu
poeta pecador
vou escrevendo
pra construir
um assento de letras
no purgatório

Fodex 1000

se foda-c não te agrada
usa-se fodex 1000
mais forte do que o vento
lá da ponte que partiu
usa-se em todo momento
usa-se até no frio
te esquenta dá auto estima
e um chute nos vazios
(os povo que puxa saco
seja amigo prima ou tio)

quando a luz
dos olhos teus
ilumina o meu dia

só a luz que me seduz
e minha vida é poesia

o gato da praça
não caça ratos
caça restos rotos
de comidas
ou conversas

melhor alimentar os ouvidos
que morrer no silêncio da fome
com a barriga em gemidos

humor negro
é bem pesado
melhor humoreno
bem pensado

A queda do monge

super zen
até indo ao chão
caindo

como folha a vida vai
flu hindu

Casa de tensão

nos vão
nóis vamo
sem grilo

poesia é estalo
e poema é estilo

(a musa decanta
eu destilo)

Felipe D'Castro é aluno de mestrado do PPGL-UFPB, desenvolvendo pesquisas em Literatura Contemporânea com ênfase em narrativas. Publicou poemas na antologia **I Concurso Nacional Novos Poetas 2011**, e no suplemento literário **Correio das Artes**. Mantém o blog **Parnaso em Fúria**, no qual publica aleatoriamente produções literárias, assim como críticas.

A casa

Quero teus braços feito residência
Onde eu possa morrer todos os dias;
Onde eu possa deitar minha agonia
Na cerâmica fria da tua querência.

Quero explorar tua bela engenharia
Como um jovem faria no ardor da ciência;
E aproveitar do céu toda fulgência
Que pelas tuas janelas se anuncia;

Quero acariciar o teu telhado
Sob os olhos do céu sempre estrelado
E da lua já cansada de me olhar...

Vou plantar minha língua em tua porta
Para ouvir da tua boca em resposta
Um sincero convite para entrar.

A quem esteja so(l)zinho

Acorde:

Tire o dó

De si.

Poética do sentimento universal

Não sei se a carne trêmula ama ou não,
Ou se os dois lábios súplices se querem;
Se os olhos fulgurais que se refletem
Ainda se aquecem no tocar das mãos;

Não sei se os corpos cheios de solidão
Como copos as frágeis massas vertem;
Se os corações malgrados se repetem
No pulsar delicado em sedução;

Sei das unhas cavando, interpostas,
Redesenhando sulcos pelas costas,
Arrepiando os pés da plantação.

Sei das carnes se amando loucamente,
Sobre as camas ardis de toda gente...
Mas das almas, leitor... das almas não...

Arquitetura cardíaca

Prefiro amor

De coração

A amor

Decoração

Recomendações a um cativo

Você que é passarinho vá buscar
Um dono generoso que te anime,
Que tranque sem gaiola o teu crime,
Como o céu preto ao alvo e só luar.

Que numa tarde te leve a passear
Segurando-te às mãos. Que ele te ensine
A cantar seus sorrisos e aproxime
Seu choro pra que possas tu chorar.

Que possa apreciar teu belo canto,
E diferenciar o som do pranto
Das notas musicais do teu sorriso;

Que seja generoso enquanto dure...
E que no fim da noite o dono jure
Refazer da gaiola um paraíso.

Na epiderme celeste

Quando a lua torna-se
Menor que o espírito;
E a alma, sol liquefeito,
Em efeito inescrito,
O poeta morre

(à prestação)

Cada lágrima
Um ponto
De constelação.

Mais um caso cardíaco-matemático

Se há em distâncias símiles três pontos,
Um deles, o do meio, é quase dois;
Divide-se em metades pra depois
Ficar mais próximo de cada ponto.

Mas, se da extremidade, um dos pontos
Afasta-se demais dos outros dois,
O duplo se transforma em um, depois
Une-se à natureza do outro ponto.

Sentindo-se, por muito, afastado,
O mesmo ponto observa solitário
E volta pra equação triangular.

Mas o grande problema matemático
É quando um dos três pontos fica estático
Esperando o momento de se andar.

O fio e as miçangas

PARA SÉRGIO DE CASTRO PINTO

Costuro o meu silêncio

Como um colar

De miçangas

Em volta do pescoço

Adorno em exercício

De força

Como rasgam os barcos os estreitos

Quando ecoar no alvorecer das eras
A badalada última do peito
O meu espírito, tal qual uma fera,
Rasgará a dimensão terral do leito.

A minha luz, uma brutal libélula,
As fibras do casulo por inteiro
Há de rasgar, esmigalhar as células,
Como rasgam os barcos os estreitos.

Haverei de buscar entre os milênios,
Vagando pelos séculos terrenos,
Tua voz perdida no passar dos anos.

Irei, por fim, juntar, cansado e rouco,
Nossos cardíacos músculos ocos,
Como dois corações parnasianos.

O pavio

Amor, tu és barril

De pólvora

Mansa

Tu és pavio

Que o humano peito

Entrança

És corredio

E, no entanto,

Trança

Por sob os lençóis

Bem olhava pra mim a minha dama...
Nós dois, entre os lençóis, por sob as luzes,
E nossas pernas, como duas cruzes,
Confusas, misturadas, já em chamas.

Impiedosamente a boca chama,
E, sôfrego, reparo na saúde
De seus lábios carnudos, rogando: use!
E somos dois famintos sobre a cama...

Mãos minhas vão comendo aquela imagem
E a língua a requerer vossa paisagem
E os olhos a tocar o humano inferno!

Toco os lençóis de seda salientes
Sobre as coxas da moça que já sente
O pulsar do meu músculo mais fraterno!

De Escobar para Capitu, com amor

A tua pele macia de papiro
As unhas brutas minhas adormece.
No teu peito se enrosca e se aquecem
Os meus dedos escravos de martírios.

Teus lisos lábios como abertos lírios
Primaveram meu século de preces.
E ao passo que, celeste, tu floresces
Outono o caos dos meus brutais suspiros.

Pouso-te na raiz e lento o intento:
Porque de tão cristais parecem bentos
Os teus lábios tão alvos de menina...

Enquanto tu repousas entreaberta
Minha veia poética se injeta
Nesta felicidade clandestina.

A benção de ser vela

Uma vela solitária se centelha,
E junto a ela o meu peito dorme.
Eu, nesta escuridão vil e enorme,
Ela, nesta fração mínima de estrela.

Olho-a, ardente. Miro-a tão vermelha,
Ah... a minh'alma sepulcral a absorve...
Inquieta, minha luz que não se move
Arde... dói... e no entanto, não se queima!

Como queria a benção de ser vela!
De ser asas, ao passo que sou celas,
Ser ardor e cadáver juntamente...

Dançar intenso no funéreo breu,
Até que o corte do luzir febeu
Transforme a vida em fósforo morrente!

Poética

Poesia

Fuga de mim

Fuja de mim

À veludosa parte de você

No dia em que tu chutaste minha boca
Com o formoso pé da tua barriga,
Branda, tornou-se desvairada e louca
A solidez carnal da minha língua.

Depois, ao desfazer-me das tuas roupas,
Vou de encontro a tua boca, e às mordidas
Encho de dentes tua barriga amouca
E estiro sobre a noite a nossa briga.

Ponho-te minha mão em exercício
A sondar teu pedaço mais patricio,
A veludosa parte de você.

Deito parte de mim em teu tecido,
E ao fim, rijo em teu manto aquecido,
Escorro calmamente em teu prazer.

Jon Moreira é paraibano, nascido em João Pessoa, cidade onde reside atualmente. Aluno da graduação de Letras na UFPB. Lançou em 2015 o **Anjo Diluidor** (Editora Patuá). Tem alguns de seus poemas publicados em suplementos literários e blogs.

Baixio

PARA ROMERO VENANCIO

Na cana baixa
a força é não
é nada

Feroz relva calada
homem
- mais que homem -
mede a fome a
mão espalmada

Recolheita

PARA ANDRÉ RICARDO AGUIAR

A cana chora no estio do verso
e olha, onisciente,
foice e chão.

palavra cortada
putrefato, adubo, humos,

E o lavrador – que já não lava –
talha o baixo e a cisma
lhe abandona a raiz

Flor sem talo paira
infecunda
em perpetuo desvão

A dor na palavra morta
É Saara num
grão de mar.

Lance

PARA SÉRGIO DE CASTRO PINTO

Vem na curva
toda trajetória
em arco impossível
toda
circunferência
num ato
pré-silêncio
segundo antes do tempo
p a r á b o l a

Orbe

Olho vermelho
da gaivota
OLHO de pombo
Pomba de um olho
só
O olho do cu

A orbe do olho
Os olhos de deus
Céu do olho
glauco
poeta
a faca cega
o corte fundo.

Me puxa pra dentro nela
boceta é asa que abraça
de pena macia
é asa
que pousa
que pausa

que grita em cala
e visto o maduro
no oco do curvo
se embebe
invade
o duro

Olho geme no reviro
Que morde, solta
Prende
Revolver
Pau dentro
Em breve
Dentro
Em fim

Nota

Manuel me disse:

Palavra pássaro

voo

Asa

Flechas 2

Agora,

Meu peito pra teu
corpo é arco
Da cerda mais mole
Feita do gozo mais graxo.

E antes,

A seta mais dura
no alvo mais úmido.
Faz som ao entrar
na carne viçosa
o nervo retesado.

E antes ainda,

Meus olhos furados
derramaram mel preto.
E o breu dos teus,
Algozes dos poços meus,
Deram eco ao tom
do tato.

Poema anárquico

“porranenhumquemfoique disse que poesia é coisa para algumacoisa”

A.R.N

Verso sobre nada
sobre

Verso, sob tudo,
Seco

Linha sem ordem
de verso

Pedra quebrada
farelo de pedra

Rocha mastigada
palavra inconsolável

Rima perdida na
Sombra do não

E o não
Antes do nada
O não.

Anjo Diluidor

O cisto que dói
O triste que dá
A forma que fui
A fome que sou

Teoria

Se unem amantes
à santíssima temporalidade
Os tríplexes mistérios do planeta
são sons e nós
Calo feito antes da pele
é dor
velho e feto

Se o futuro já aconteceu
já fomos, nesse passado d'avante,
um só átomo feliz.
E nesse tempo atrás do tempo
Fomos/somos/seremos
O inadiável ser-nos

Se não há nada adiante
que já não tenha sido
Nosso sexo derrama
Dois beijos retroflexos
Entre o que morre e o nascido.
Nossos corpos se derramam
No gozo que já veio
E ainda não é sentido

Higgs

Minúsculo deus
Filho, pai e espírito
Do Nada

Da colisão irreversível
Fez-se pão, vinho
Massa

Fez-se Deus
Corpo da mesma
Matéria do mais
Remoto Eu

Melancólica Molécula
Seus filhos paridos
sem pai

Um dia que já não bastava
ser-se
Adão, sentindo-se só
Criou Deus.

Senhor, me livre da perfeição
Me salve do bom destino dos justos
Me tire do caminho reto dos sãos

Me desafine a voz
me entorte o torso
me afaste rima e métrica

Pai, me tira esse antinome poeta
Me aniquila o gozo em criar
Mata em mim a satisfação do feito

Me deixe o assombro nos cétricos
Me complete em dor e insônia
Me faz do dom da imperfeição
Me faz arte.

Desassossego

Desejo é
antes doutro
qualquer
um
negar

Rejeitar
o eito
a torque
mesmo sendo
vontade espelho

E o puxar
que a nuca sofre
no mais sádico
e falso
recuar

espera
línguas entre
dentes
o roçar
das bocas

Dura a carne
quente
molha
hora
derrama noite

Preso ao batente

Da calçada o musgo

Pinta a solidão

Barulho de calha

A paisagem escorre

Na tu(rv)a janela

Pedro Isaac Vanderlei de Souza, 22 anos, é estudante de Letras Português e escritor de poesia e prosa nas horas vagas. Adepto de um estilo mais tradicional de escrever, seus temas mais recorrentes são questões psicológicas, cotidianas e sociais, além de temas variados como natureza. Seus poetas favoritos são Augusto dos Anjos e João Cabral de Melo Neto. Já teve alguns poemas publicados em blogs voltados à poesia.

Célula

De Cajazeiras e Lucena,
Passando pela Borborema,
Na Praça do Meio do Mundo,
Separando sertão de serra,
Entre as escrituras de Ingá,
Ou nas águas do Açude Velho,
E nas passadas do passado
Na velha lama seca, Sousa,
Velhos engenhos do Pilar,
Onde o bueiro hoje repousa,
Ou nos canaviais em Rio Tinto
E em Mamanguape, a cana cortada,
Em Matureia, de onde vê longe,
Em Princesa, os restos de uma guerra,

No Lajedo de Pai Mateus
E mirando a Pedra da Boca
Também em várias outras pedras,
Itabaiana, Itaporanga,
O vento frio que sopra em Areia
Quente, seca, Pombal e Patos,
Os abacaxis de Sapé
E nas ruas de Catolé
Em Monteiro, onde o rio nasce
Até a restinga, onde deságua,
De Cajazeiras a Lucena
Que fica deitada esta terra
Tão pequena que mais parece
Uma célula desse mundo,
Minúsculo ponto no espaço.

Soneto

A MARINA MAIA

“Azul é a cor mais quente”, me disseram.
Nunca soube: não sei o que é uma cor
Só conheço som, toque, gosto e odor
Não é mau... nem é bom... é o que me deram

Até tu, para mim, os verões eram
Na piscina deitar-me e o calor
Sentir forte. Hoje eu sou o que eu sou
Por vocês, que comigo aqui vieram.

Eu sozinho não volto mais à casa
Todo dia a gente não se atrasa
Desde que o coração se desbravou

E, lembrando daquele a quem se ama
Durmo sempre feliz na minha cama
Respirando o casaco que ficou.

Decepção

Vês o lábaro trêmulo erguido,
Tão feroz, pelo guia, ostentado?
Foi já causa por quem muito hei lutado,
Foi ideia que muito hei defendido.

Era um sonho a ser bem protegido,
Ideal mais sublime e elevado,
Pelo qual minha vida havia dado
Em defesa do seu nobre sentido.

Hoje, vejo o seu mastro pender torto,
Desbotar o seu tom forte de roxo,
Da sua base, não vejo quase um rastro,

E me ponho em lembranças absorto,
Vendo cegos guiando um guia coxo,
Que, sem forças, arrasta aquele mastro.

Décima do inhame

Conheço alguém que num texto,
Um “poema” de amor,
Do nada, lá colocou
Um inhame, sem contexto
Novamente, eu atesto:
Isso nunca será arte!
Se me permite um aparte:
Pôs inhame no poema
Pois costuma, sem problema,
Pôr inhame em outra parte!

Desinfecção

Ao derramar-se na ferida
Não há remédio que não arde:
Queimando toda a carne viva,
Com uma ardência de vinagre.

Agoniza ver-se o emplastro,
Não precisa tocar a pele:
Basta notar seu sinal fraco,
Ou cheiro que, à mente, o ele.

E o pensar no medicamento
Já tem seu efeito antisséptico,
Ainda mais o remédio sendo
O gosto de ácido ascético.

E mesmo no ardor abusivo,
Que pode ferir uma pedra,
A dor tem lado positivo
Porque o vinagre desinfeta.

Dois poemetos autoexplicativos

I ou II

Limerique, limerique

Limerique isso não é!

Que a arte em si mesma se explique

Limerique, limerique

Não há nada que complique

Isso aqui é um triolé

Limerique, limerique

Limerique isso não é!

II ou I

Triolé, ô triolé

Triolé nem se quiser!

Que a arte em si mesma se explique

Isso aqui é um limerique

Triolé é o que não é!

Dois quadros clínicos

A dor da pedra nos rins
É em tecido conjuntivo:
Sai rasgando uretra, uréter,
Lacerando o organismo,
Deixando um rastro de sangue
Quando faz o seu caminho,
E causando contração
Qual se fosse um parto infindo.
O porém é que essa dor
Meio fácil se elimina:
Se quebrando, pouco a pouco;
Diluída na urina.

A dor da pedra na alma
Incomoda o próprio espírito,
Rasga até o pensamento
E se mostra em meio físico
(basta olhar o olhar fundo
ou o corpo meio tísico);
Causa entropia mental
E um sono mal dormido.
O problema é que remédio
Não tem tal patologia,
Talvez um paliativo
Seja escrever poesia.

Dos poemas de forma fixa

Um arquiteto não ergue um edifício
Baseando-se, do anterior, a forma
Do profissional se exige, do início
Do seu ramo, a mesma regra: “se informa!”

Porque só para o poeta é difícil
E um tabu horrendo quebrar a norma?
Ele tem de manter o mesmo vício
Sem nunca poder fazer a reforma

Não tem futuro ficar nessa roda,
Cansei de talhar sempre nesse molde,
Que quem mais versa, mais e mais prolixa.

Quero renovar, quero lançar moda
Que aos intelectualóides incomode,
Abaixo os poemas de forma fixa!

Lusitana nº 5

A nau se desfez em tábuas nas águas
Numa tempestade a idos de outubro
De sangue o mar vem tornar-se mui rubro
As velas formando uma malha de anáguas

Foi-se mais um... ao Caribe, às Tormentas
Todo o oceano é seara de morte
E ainda eu me lanço à lúgubre sorte
Que esse meu desejo cego alimenta

Derivando, vejo a nave partida
A nave que lancei, bêbado, em fome
Para a Terra do Prazer, que mais some
A cada onda que ralha-me a vida.

Boiando no mar... e, depois, no oco:
Sou agarrado por algas e afundo
Quase a morrer, eu borbulho no fundo...
...tanto perder, se só quer-se tão pouco...
(na verdade, só não quero estar louco...)

Ponto médio

O ponto médio da água
A água nem quente nem fria
Nem fria, gelando a pele
Nem quente, banho-maria
O médio, o ponto ideal
Que no morno se inicia
Vai só até água fresca
Nevasca e brasa alivia

O ponto médio da arte
Seja prosa ou poesia
Com o d'água se assemelha
Se não estrutura fixa
Não deve ser abusado
Senão a “arte” atrofia
E vai por água a não-arte
Afogada em falsaria

Soneto ao escritor soberbo

Caro amigo escritor muito soberbo,
Se os poemas aos quais dás importância,
Fossem bons como é grande sua arrogância,
Tu serias senhor de todo o verbo.

Chamar a eles de ruins é um exacerbo:
Dão-me nojo, desgosto, raiva e ânsia
E, somando-se à tua petulância,
São a face do mais sebooso acerbo.

És babaca, e a um babaca apenas cabe
Vangloriar-se naquilo que não sabe
Como bem vens fazendo todo dia.

Quem talento possui jamais afronte!
E enfieis no lugar certo esse Monte
De excrementos que chamas “poesia”.

Soneto

Um, “Me dá um cigarro” fala ao vento,
Sem nenhuma razão, significado;
“Toma um fósforo, acende o teu cigarro”
O outro diz, logo após um pensamento.

Distinguindo quem tem/não tem talento,
Que foi dito ou somente foi falado,
O pensado do não raciocinado,
O Platão de algum simples jumento.

Cada verso é um convite ao fracasso,
O poema não é mais que um livre espaço,
Do saber ao tentar sobrevivência,

E, às vezes, chorando me deparo
Com um bruto, idiota, vil, ignaro
Receber o brio louro da ciência!

Felicidade

És feliz. Eu não nego. A alegria
Muitas vezes é crer no imaginário,
Se fechar em um mundo de ideário
E negar o real com maestria.

Como um peixe, trancado num aquário,
Tendo o mar à sua frente, dia a dia,
Crê que o vaso é o mar que ele queria
E que o vasto oceano é algo lendário.

Vê o mar, e não crê na sua existência.
Como tu que, negando as evidências,
Pões a fé nas palavras que ele diz,

Mesmo os atos mostrando o contrário,
Da paixão, faze um domo extraordinário,
E acreditas, com ele, que és feliz.

Gramática

A língua pouco a pouco se desmembra
Hoje já não tolera-se plurais
Não podem ensiná-los na aula, mas
Toleram presidenta, hóspeda e membra.

Das ênclises ninguém no mundo lembra.
Mesóclises? Usá-las-ei jamais!
Pois se o faço o governo é até capaz
De praticar comigo a tal “desmembra”.

Pronomes, caso reto ou possessivo...

Está a se tornar tão relativo!

A língua hoje em dia é o latifúndio

A ser redistribuído entre a massa.

Se assim seguir, de dez anos não passa:

Vão estar aceitando até o gerúndio.

Maravilha

No afã pela glória e aparência
Quis erguer o maior dos monumentos:
Era um ídolo meu de comprimento
E altura em grande eminência.

Pra mostrar, ao planeta, a excelência
Do meu ser, o privei de alimentos,
Fiz escravo um mundo nesse intento,
E, aos contras, matei sem ter clemência.

Sobre a dor dos demais fiz meu colosso
E ao findá-lo, agora, hoje, posso,
Vendo o que, só por ele, derrubei,

Hoje posso – enfim! – eu, satisfeito,
Contemplar, com – enfim! – mágoa no peito,
Esse monstro que, enfim, eu me tornei!

Sara Carvalho tem 28 anos e escreve desde os 12.

Em 2012 iniciou sua graduação em Letras – Português, na UFPB (em curso).

Tem dois textos publicados (em obra impressa) um chamado

Amor Pessoense, publicado numa obra coletiva de nome

Sonho de Feliz Cidade, resultado de um concurso em

comemoração aos 422 anos de João Pessoa, em 2007. E o outro

texto, **Lucidez Oteliana**, foi publicado no suplemento Correio

das Artes, do jornal A União, em julho de 2013.

Ode ao amor que nunca hei de amar

Já o amo, mas o amar sucumbirá sem ser
amado.

O objeto de afeição, tão puído, esfarelará.

O tinteiro para qualquer ode nunca usado.

As palavras apenas imaginadas

Sumirão do papel que jamais tirei da gaveta.

A árvore, sua mãe, a gestá-lo não chegou.

A ideia nasceu destinada a perecer

Tão logo atingisse a consciência.

Se me ponho a escrever,

Esvai-se a sapiência.

A semente estrangulada é.

A ode que deveria advir destas linhas

Morre sem ser proclamada.

A arte é mesquinha.

Mente dormente mente

Os bambus performáticos ainda estalam em
minha mente.

Deveras mente, dormente, meu coração?

Dormente não sangra. É indiferente.

Sangria intermitente. Inação.

Se mente, mente e obscurece o que deveria já
ser morto breu.

O intrínseco pungente desfaleceu.

E perece, e agoniza e revive numa mataria
impudica.

Rançoso sentimento tremeluzente que infelicita.

Se cri matar o germe deste verme resquício,

Fui eu a semente que dor (mente) dormiu
estúpida.

Fechou-se na carapaça esdrúxula.

Mente mente mente, se queres mentir.

Dormente sensível, paradoxal encobrir.

Mas tu não me há de mais sentir.

Sexo linguístico

Abraça-se às minhas palavras.

Enrosca-se com as rimas desta poesia.

Beija os meus versos contidos.

Lambe os verbos no infinitivo.

Suga as entrelinhas.

Morde o contexto.

Amassa os devaneios do eu lírico.

Aperta os sentimentos em desalinho.

Cheira o sussurro das conjunções.

Grita o gozo do predicativo.

Agora deixe-me brincar com o aposto.

Aconchegar-me em teu soneto.

Tagarelar teus adjetivos em afonia.

Se ainda assim sobrar algum silêncio,

Deixa-o acomodar-se em nosso enlace

E roubar-nos tudo que seja inexprimível

Pela insuficiência de palavras que lhes traduza

Com exatidão e competência.

Rapidinha

Seu olhar no meu. O meu no seu.

Bocas acopladas em inspiração.

Sua mão pulsando em minha pele.

Seu toque ardente saindo por minha expiração.

Nossas línguas sedentas.

A invasão de meu âmago.

Seu movimento, nosso prazer.

Mordida no próprio lábio por um grito contido.

Sua exaustão recompensada por nossos sorrisos.

Seu orgulho refletido em minha paixão.

Dois corações felizes em corpos satisfeitos.

Um abraço gostoso aninhando um sono reparador.

Asas de cera

Meu coração adora se apaixonar por amores platônicos.

“Pra quê?” - pergunto-lhe.

“Para se sentir vivo. Ao menos isso” - ele responde.

Triste sina de uma velha cantiga.

Um coração invisível, um sofrimento latente.

Uma injustiça: meu coração vê o seu.

Mas onde está a veracidade da recíproca?

Vagueio pelas nuvens.

Transformo “ses” em atos concretos.

Somente em minha mente. Esta mentirosa.

Meu coração sonhador. Este gigante que não percebe que as asas são de cera.

“O que fazemos?” – suplico dele.

“Sonhamos. É o que podemos fazer enquanto a realidade não nos insere em seu contexto” – declara num transbordar de esperança.

Então vamos sonhar sonhos muito coloridos.

E rezar para que a realidade venha ao menos em preto e branco.

Talvez em cores primárias. Na melhor das hipóteses.

Quero já. Quero agora. Mas nenhuma novidade surge no horizonte.

E vou vivendo com esta amargura ressonante.

Rezando para que alguma história se inicie.

Afinal, o final feliz só acontecerá mediante um começo.

E aguardo.

E sonho.

E mudo.

E me aproximo do sol.

E caio.

E reconstruo minhas asas de cera.

Espasmo

Tu és piegas?

Usas aquelas saias armadas que já vi.

Cultivas o romantismo?

Oh, não lighes para o meu cinismo.

Viste aquilo?

O coração jogou-se no precipício.

Queres isto?

Tu que sabes.

Prefiro abster-me de tal suicídio.

Claro que o é!

Pensas que o coração sai ileso

De tal loucura?

A cada salto abre-se uma fissura

E mata-se uma esperança.

Os sonhos são poéticos.
Mas nem sempre caem
Sobre uma nuvem.
Os poetas são caquéticos.

Vês por que me abstenho de amar?
Eu não quero me jogar,
Precipitar,
Para depois (des)amar.

Essa história de morrer de amor
É absurda!
Indubitável loucura!
Pois se morres,
Não tens como amar.

Justaposição

Quando conheceu o pronome, o artigo feminino

Pensou logo: “Ele é muito possessivo”.

Certamente iria querer um namoro por aglutinação.

O artigo, entretanto, procurava uma justaposição.

Na aglutinação, o artigo perderia seus sonhos de definição.

Mas, na justaposição, o sonho de ambos seria respeitado.

O pronome, supostamente possessivo, investiu numa aproximação.

O artigo, prudente, queria saber mais sobre o candidato.

A justaposição era o maior sonho do artigo feminino.

Ele era romântico e cultivava anseios de liberdade.

Queria um pronome forte e decidido

Que lhe protegesse e amasse de verdade.

E amar, apesar de ser verbo de primeira conjugação,

Deveria abraçar forte o artigo, mas sem impedi-lo de respirar.

Além disso, deveria promover a justaposição,

Onde o artigo e o pronome cresceriam juntos

Com o acréscimo de novos conhecimentos e experiências.

Luzinhas

Os cristais ainda parecem estar dentro dos meus olhos.

Pedras preciosas que brilham quando o sol bate na água.

O sol surge por trás das nuvens.

Mas em algumas partes ainda é noite.

Algumas criaturas ainda estão dormindo.

E sua força permanece em estado latente.

Outros seres, aparentemente mais frágeis,

Tentam espalhar pequenas luzinhas pelo caminho

Na tentativa de chamar o sol.

Sol que seria capaz de despertar

As criaturas mais fortes.

Criaturas estas que protegem a floresta.

O céu ainda está azul cobalto e a lua visível.

Vamos... continuar pendurando as luzinhas por entre os galhos.

Até amanhecer na floresta inteira.

(In)tento

As palavras, natimortas, são laçadas à boca
deste que se diz poeta.

Se é poeta, decerto perdeu o tato com as
palavras; não consegue colori-las mais.

Chamem o Manoel de Barros para encantar
sua alma desconexa!

Uma alma infante que restitua a magia da
criação.

Uma mãozinha leve e serelepe, sem fracassos
no bolso.

Uma nova encantada e potentíssima
imaginação.

Ser novamente criança; ser poeta-menino e lambuzar-se com os versos.

Brincar de esconde-esconde com as palavras e encontrar aquela perfeita.

Ver fantasia no real e transformar rio em cobra, nuvem em ovelha.

Escrever com a confiança de quem escreve a história mais fantástica do mundo.

Ter nos olhos um encanto constante e desnudo.

Se Manoel de Barros viesse, diria para fazer uma transfusão urgente de encanto.

“Se quer mesmo ser poeta – diria ele –, veste-se de menino e vai para a vida passear”.

Vai! Que faz ainda aí parado?

“não conserte-me
sou toda defeitos.”

Amanda Vital

“todo poedia vai ser feito de silêncio
e poema é estilo.”

Dija Darkdija

“Acorde:
tire o dó
de si.”

Felipe D’Castro

“Rima perdida na
Sombra do não.”

Jon Moreira

“Que aos intelectualóides incomode,
Abaixo os poemas de forma fixa!”

Pedro Isaac

“A arte é mesquinha
Transformo ‘ses’ em atos concretos.”

Sara Carvalho

